

# Mal Nascida e Mal Vivida

17.4. Raul Pilla

56

A REPÚBLICA fêz, há dias, sessenta e sete anos. Foi, por certo, uma criatura mal nascida. Nasceu antes de tempo, pois o seu dia seria o da morte de D. Pedro II, com que se encerraria naturalmente o período monárquico. Nasceu mal, pois foi graças a uma extemporânea intervenção militar que veio à luz, ante o «povo bestificado». Nasceu com grave deformação congênita, pois o que o manifesto republicano de 1870 prometia era uma república democrática, modelada segundo o sistema parlamentar, e o que os seus parteiros nos apresentaram foi uma república fundada no poder pessoal, que os propagandistas irrogavam ao Imperador e, fazia já muitos anos, deixara de existir.

Mal nascida, foi também a República uma criatura mal vivida. A princípio, donzela ainda, era autoritária, violenta, dissipadora. Em breve passou a dever a tôda gente. E deuse depois a vida sôlta. Abandonou preconceitos e escrúpulos. Várias tentativas foram feitas para a corrigir. De cada vez, ficou pior, muito pior. E hoje, com sessenta e sete anos, não passa de uma velha dissoluta, que não tem sequer as galas da mocidade.

Como tôda criatura, tem tido várias fases na sua vida. A melhor foi a mocidade, depois de estabelecido o poder civil com Prudente de Moraes. Pois ouçamos um depoimento insuspeito: o de Ruy Barbosa, um dos seus fundadores.

Em 1914, falando no Senado, depois de vinte e cinco anos de existência republicana, diz êle: «Ao govêrno pessoal do Imperador, contra o qual tanto nos batemos, sucedeu hoje o govêrno pessoal do presidente da República, requintado num caráter incomparavelmente mais grave. Govêrno pessoal de mandões, de chefes de partido, govêrno absoluto, sem responsabilidade, arbitrário, em tôda a extensão desta palavra, negação completa de tôdas as idéias que pregamos, os que nos vimos envolvidos na organização dêsse regime e que trabalhamos com tanta sinceridade para organizá-lo». No formidável discurso que pronunciou em 1914, no Senado, sôbre a gênese da candidatura Wenceslau Braz, diz Ruy Barbosa:

«O Império se definia com a sua alta moralidade, a elevação do crédito nacional e os grandes nomes que ilustraram o regime. A República se debuxa com a extinção dos nomes nacionais, com o achatamento geral da inteligência, no govêrno e nos corpos deliberativos, com a ostentação habitual da nudez nos escândalos reinantes, com a consagração da soberania da ignorância, com a solene proclamação do princípio de competência, da capacidade universal nos chefes de Estados, nos ministros, nos partidos, nos árbitros das situações, com a guerra, enfim, à justiça enxovalhada com o título de ditadura pelos mais servis cortesãos de tôdas as ditaduras do poder, das armas e do Tesouro.»

Isto dizia Ruy Barbosa da Primeira República, da República Velha, como lhe chamavam os vencedores da malograda Revolução de 1930. Que diria êle, se tivesse tido a infelicidade de as conhecer, da Segunda, da Terceira, e desta recentíssima República, que tem por símbolo uma espada de ouro?